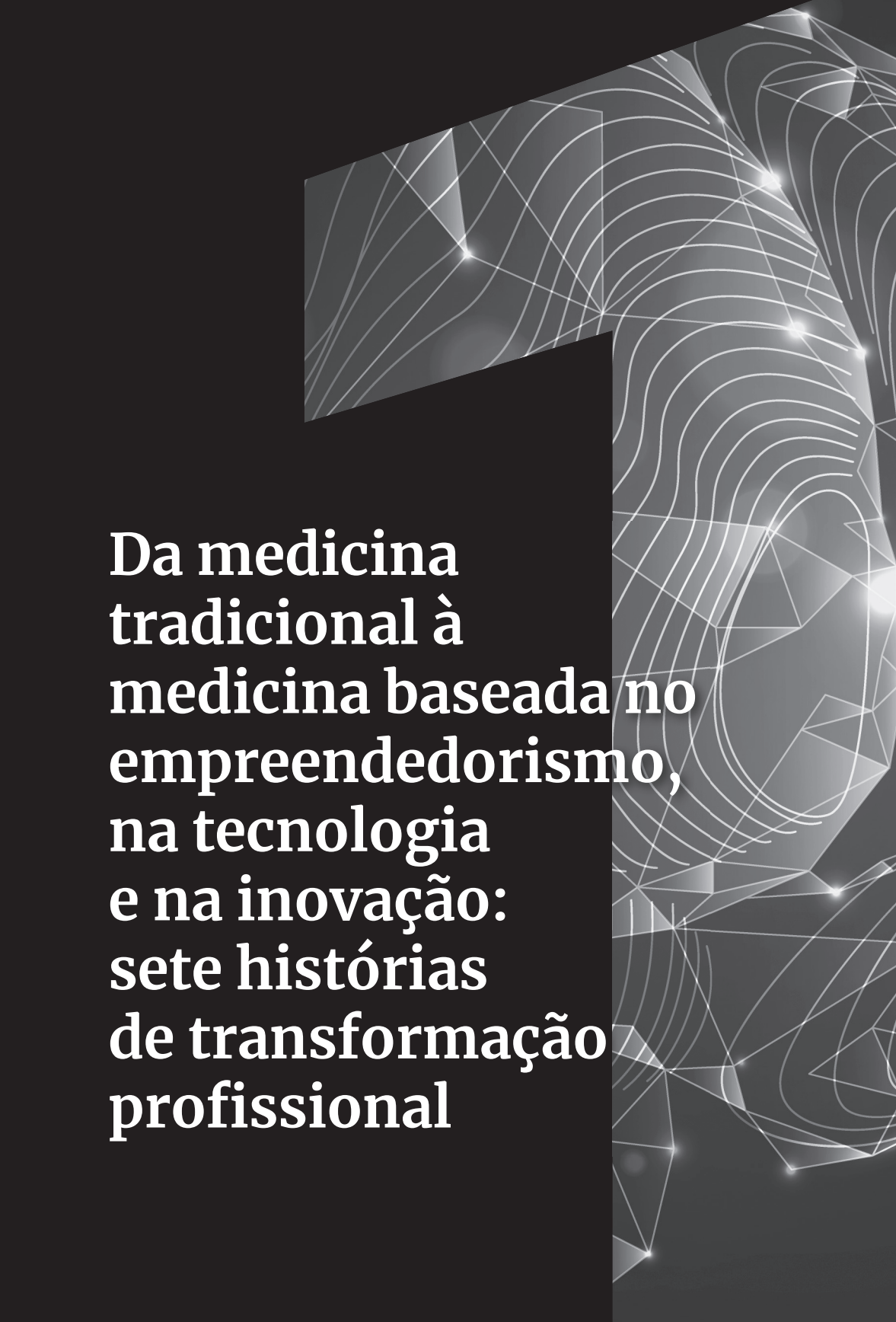




**Da medicina
tradicional à
medicina baseada no
empreendedorismo,
na tecnologia
e na inovação:
sete histórias
de transformação
profissional**

CAPÍTULO 1

A ONCOLOGISTA QUE DESENVOLVEU UMA PLATAFORMA PIONEIRA CAPAZ DE MONITORAR PACIENTES COM CÂNCER E DIMINUIR A SOLIDÃO E A INSEGURANÇA NESTE TRATAMENTO DESAFIADOR

Alessandra Menezes Morelle

A minha trajetória pessoal e profissional sempre avançou por caminhos que me surpreenderam. Nela, como acontece na de todos nós, fatos positivos e negativos se intercalaram. Mas tenho a impressão de que, no meu roteiro, o inusitado sempre esteve presente. Quem diria que uma dieta feita à base de abacaxi e um baile de adolescentes me conduziriam até a medicina? Ou que uma fita de vídeo de uma reunião ocorrida na década de 1980, uma sociedade em uma loja de roupas para grávidas e uma viagem a Machu Picchu me influenciariam a me tornar investidora e empreendedora de *health techs*?

Desde criança convivi próxima à tecnologia. Nasci em Quaraí, no Rio Grande do Sul, cidade a 600 quilômetros de Porto Alegre e localizada junto à fronteira com o Uruguai. Basta cruzar uma ponte sobre o rio Quaraí e já se está em Artigas, uma cidadezinha uruguaia. Meu pai sempre trabalhou na área do comércio. Era proprietário de uma loja de material de escritório na cidade quando foi convidado, em 1980, para trabalhar em uma empresa, também de material de escritório, em Bento Gonçalves, na Serra Gaúcha.

Meu pai aceitou o desafio. Fomos todos: ele, minha mãe, minha irmã, de 2 anos, e eu, aos 4 anos de idade. Bento Gonçalves tem uma forte presença da cultura italiana, e lá se desenvolvem pessoas muito empreendedoras, persistentes e intensas. Absorvi bastante essa cultura, mas foi de dentro de casa que veio outro forte estímulo que faria nascer o meu interesse pela tecnologia.

Na década de 1980, começaram a chegar ao trabalho do meu pai os primeiros eletroeletrônicos para escritórios, calculadoras e os produtos da Apple. Ele começou a vender os primeiros computadores e sempre levava para casa novidades tecnológicas. Devido ao seu trabalho, viajava bastante para São Paulo e, um dia, trouxe de lá um vídeo que dizia como seria o futuro da humanidade dali a 20 anos.

As previsões eram espetaculares. Lembro-me de escutar, entre outras maravilhas, que iríamos nos comunicar pela televisão. Eu assisti àquilo não sei quantas vezes, absolutamente encantada. Sentia uma grande ansiedade ao pensar se tudo aquilo de fato aconteceria. A palavra *nerd* ainda não havia entrado no nosso vocabulário, mas acho que eu mereceria ser classificada como uma já naquela época. Estava com 10 anos naquele momento e brincava com computadores. Me sentia de tal maneira enfeitiçada que fiz um curso de DOS*.

TUBERCULOSE NO BALÉ

Apesar da minha pouca idade, eu pensava que o meu destino era trabalhar com computação. Entretanto, quando estava com 13 anos de idade, um fato traria uma reviravolta para a minha vida e empurraria o sonho com os computadores para o futuro. Naquela época, eu fazia balé e era uma dançarina superdedicada. Um dia, quando teria uma apresentação, a professora falou que eu precisava perder peso.

*Sigla em inglês para *disk operating system* (sistema operacional de disco). É um sistema operacional de computadores criado em 1980. Sua licença de uso foi comprada pela Microsoft em 1981, que o usou no Windows. Nos anos 1980, os usuários de computadores eram obrigados a operar com este sistema, pouco amigável e complexo, comparando com os sistemas operacionais atuais. (UOL NOTÍCIAS, 2017).

Eu sempre fui magra, mas o que se esperava era que eu fosse muito mais magra, que ensaiasse diariamente, o que se transformou em algo sério para mim. No início da década de 1980, ninguém fazia ideia do que era nutrição ou de como seguir uma dieta adequada. Passei a comer só abacaxi para perder peso. De fato emagreci, mas adoeci com tuberculose.

Na minha família, não havia médicos ou alguém que pudesse me aconselhar. Eu tossia e tinha febre. Foi diagnosticado um derrame pleural*, e foi preciso realizar uma biópsia da pleura. Foi um choque. Comecei a fazer o tratamento. Eu tomava as medicações e vomitava.

Lembro-me de uma cena dramática para uma adolescente. Eu já ia ao colégio muito constrangida. Sentia muito medo de que os meus colegas soubessem que eu estava com tuberculose. Não havia, no entanto, aquelas manifestações de secreção e a possibilidade de contaminar alguém. Por isso tinham me liberado para assistir às aulas. No entanto, um dia, por reação aos medicamentos, vomitei na sala de aula. Me senti a última dos seres humanos.

Aquilo alarmou a minha família. Me levaram a outro médico, e fui diagnosticada com uma hepatite provocada pelos remédios. Fui levada a Porto Alegre e logo estava internada no hospital da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Os médicos me examinaram para verificar se os meus gânglios estavam inchados. Hoje, eu sei que estavam procurando saber se eu tinha algum linfoma (VEJA SAÚDE, 2020). Eu via a minha mãe conversando em separado com eles. Anos depois, ela me contaria que eu corria risco de morte caso continuasse a usar aquele remédio para hepatite. Foram dias tensos aqueles.

Um médico referência no tratamento de tuberculose, doutor Chaieb, com quem perdi contato, foi uma pessoa sensacional. Finalmente, chegou-se a um tratamento adequado. Mesmo assim, fiquei dois meses internada até receber alta. Mas o que mudaria a minha vida naquele tempo

*Derrame pleural é o acúmulo anormal de líquido no espaço pleural (o espaço entre as duas camadas da membrana fina que reveste os pulmões) (LIGHT, 2021).

Ele era um profissional extremamente humano. Ele não falava sobre o tratamento com os meus pais, mas comigo. Me explicava os procedimentos, os testes que ia fazer.

em que fiquei internada foi a minha relação com o doutor Chaieb. Ele era um profissional extremamente humano. Ele não falava sobre o tratamento com os meus pais, mas comigo. Me explicava os procedimentos, os testes que ia fazer. Aquilo me marcou de tal maneira que passei a pensar em cursar medicina.

No entanto, quando finalmente deixei o hospital, outros interesses vieram. O mais urgente era garantir que eu não seria reprovada na escola. Eu recebia, na época, cópias xerocadas do caderno de uma colega, com as quais estudava, e fiz algumas aulas particulares. No final do ano, consegui ser aprovada. Mas o tempo passou, e, quando eu estava prestes a completar 16 anos, a medicina voltou à minha vida. E de uma maneira inusitada, dançando comigo.

BAILE NO CLUBE

Na cidade de Bento Gonçalves, no final da década de 1980 e no início dos anos 1990, ainda aconteciam eventos como a escolha da Rainha do Clube. Eu fui uma delas. Havia bailes em que as “rainhas” eram uma atração. Em um desses, o doutor Chaieb apareceu no salão. Ele tinha amigos na cidade, estava de visita e foi ao clube naquela noite. Uma coincidência.

Ele me tirou para dançar e ficamos conversando. Ele comentou que a minha mãe havia contado que eu queria fazer medicina. Não era uma vida profissional fácil, ele me disse. Era preciso dedicar-se muito. Lembro-me bem de ter respondido, sem titubear, que era aquilo que eu queria para a minha vida. Eu tinha toda certeza. Sabia que seria difícil, mas era o que eu desejava: ser médica.

Me inscrevi para o vestibular, mas talvez tenha sido otimista demais sobre as minhas chances. Não estudei quase nada e, claro, não consegui ser aprovada. Mais concentrada, decidi tentar no ano seguinte e me mudei para Porto Alegre. Me entusiasmei com a ideia de fazer cursinho e morar sozinha na capital. Mas, pela vontade dos meus pais, acabei ficando em um pensionato de freiras.

Mesmo assim, consegui me divertir. Fiz amizades com três meninas de quem até hoje sou próxima. Em 1990, quando estava com 17 anos, prestei vestibular na PUCRS e, dessa vez, fui aprovada. Mais mudanças aconteceram. Meus pais e minha irmã, algum tempo depois, também se mudaram para a capital. A família, mais uma vez, estava unida sob o mesmo teto.

Nunca tive dúvidas de que havia feito a escolha correta da minha profissão. Desde que comecei o curso, as oportunidades começaram e continuaram a surgir. Quando estava no quarto ano, um professor, doutor Gilberto Schwartzmann, oncologista bastante conhecido aqui no Sul, me perguntou se eu me interessaria em fazer um estágio fora do país. Isso foi em 1994, época em que havia grande diferença entre o que fazíamos no Brasil e o que se praticava no exterior em oncologia.

No ano seguinte, fiz um estágio em Oncologia Clínica na Universidade de Sheffield, na Grã-Bretanha, e morei, durante esse período, com um casal brasileiro de amigos que estava desenvolvendo estudos lá, os doutores Jefferson Vinholes, oncologista, e Ana Paula Vinholes, radiologista. Lá, no hospital, faziam-se pesquisas de base e atendimento clínicos. Eram estudos avançados com novas drogas contra o câncer. Nos dois meses que passei lá, fiquei maravilhada com as possibilidades de novos tratamentos. Voltei para o Brasil decidida a seguir a oncologia.

Eu me formei e não tive dificuldade para ingressar no programa de residência no Hospital São Lucas da PUCRS. Na verdade, à época, isso era muito mais fácil do que atualmente. Fazíamos a prova para a residência já direcionada para a especialidade que queríamos seguir. Fiz um ano como interna e dois na oncologia.

Outro ponto positivo foi que, já na residência, comecei a trabalhar, pois o serviço de pesquisa na oncologia havia acabado de ser montado, por iniciativa do professor Carlos Barrios. Remunerada com uma bolsa da CAPES, trabalhei por um ano como pesquisadora. Em seguida, fui aprovada em um concurso público e admitida no Hospital Fêmina – Grupo Hospitalar Conceição, também em Porto Alegre, que atende exclusivamente a mulheres.

Já nessa época comecei a me direcionar profissionalmente para o tratamento de tumores ginecológicos e câncer de mama, o que faço hoje. A minha formação acadêmica seria ampliada com uma pós-graduação em Clínica Médica, com ênfase em Biologia Tumoral, e, em 2005, defendi minha tese de doutorado, tudo isso na PUCRS.

SEGURANÇA NO MERCADO

Os acontecimentos estavam se sucedendo rapidamente. Tive a sorte de poder contar, no período em que ainda era residente, com a oportunidade de acompanhar vários pacientes particulares, que eram atendidos pelos meus professores. Isso me deu segurança para entrar no mercado de trabalho, assim que o período acadêmico chegou ao fim.

Um desses professores, Antônio Frasson, um mastologista bastante conhecido, me convidou para trabalhar no seu consultório. Essa experiência se revelaria maravilhosa para mim. O fato de ele, um médico de renome, reconhecer o meu trabalho e indicar-me seus pacientes proporcionou um salto na minha trajetória profissional. Doutor Frasson foi muito altruísta nesse sentido.

Ali foi um primeiro despertar para o empreendedorismo. Éramos sócios. A nossa sociedade estava, inclusive, registrada no papel. Dividíamos as despesas. Ele me ensinou muita coisa. A nossa sociedade foi inovadora para a época: ter uma oncologista trabalhando ao lado de um cirurgião era uma novidade.

Houve um segundo passo decisivo, e este mais dolorido, que me permitiria lapidar com maior precisão o meu lado empreendedor. Mas disso eu vou falar depois de contar outro fato, de grande relevância, que mudaria profundamente a minha vida: nessa mesma época, eu conheci aquele que seria o meu futuro marido.

O encontro se deu quando eu estava terminando a minha residência. Um dos colegas se mudaria para outro estado e uma festa de despedida foi organizada. Quando cheguei à festa, na companhia de amigas, vi de longe o Jair – Jair Kolling, este é o seu nome. Eu não o conhecia, mas surgiu, na hora, para a minha surpresa, uma curiosa intuição: “Vou me casar com

este rapaz”. Essa foi a primeira coisa que pensei; a segunda foi advertir uma das amigas, com fama de namoradeira, para ficar bem longe dele.

Começamos a namorar. Jair havia feito faculdade em Pelotas e terminado a residência em urologia, na Santa Casa de Misericórdia, em Porto Alegre, e já começava a sua vida profissional. Namoramos por três anos. Quando eu completei 30 anos de idade, nos casamos. O casamento foi em janeiro, e, já em fevereiro, fiquei grávida da minha filha Rafaella.

Foi um susto! Eu estava no começo da minha carreira, já no doutorado. Era muito forte para mim a convicção de que eu deveria ser uma mãe participativa, curtir a minha maternidade. Com a carga de atividades que eu tinha, isso não seria possível. Era preciso, portanto, fazer modificações profundas na minha vida.

Uma delas foi a minha decisão de sair do consultório no qual eu era sócia do doutor Antônio Frasson. Além do aperto na agenda, por passar boa parte do tempo cuidando da minha filha, eu queria voar com as minhas próprias asas. Ele entendeu e aceitou os meus argumentos. Saí do consultório, consegui conviver bastante com a minha filha e terminei o doutorado quando ela estava com um ano e oito meses de idade.

Mas a tristeza de deixar o consultório seria compensada por uma boa novidade. Exatamente nessa época, quando já estava com o título de doutora, o hospital Moinhos de Vento, em Porto Alegre, estava formando o seu serviço de oncologia. O Moinhos de Vento é um hospital privado e um dos principais centros de referência do país. Eu queria muito trabalhar ali. Em janeiro de 2005, fui convidada para integrar o seu corpo clínico, no qual estou até hoje. Melhor ainda, me foi oferecida a chance de montar o meu consultório dentro do hospital e ter acesso a toda estrutura e suporte de excelência dessa instituição. Mas o trabalho continuava, ainda, a se mostrar pesado. Trabalhava no Fêmima, o número de pacientes no Moinhos de Vento crescia. A Rafaella estava com 3 anos de idade quando nasceu meu segundo filho, Augusto. Esse foi um período da minha vida em que eu tive um *burnout*. Duas crianças ainda pequenas em casa, sendo um bebê, e uma demanda de trabalho muito alta.

Decidi que não seria mais possível continuar o meu trabalho no Fêmima. Me lembro exatamente da tarde em que tomei essa decisão. Havia

20 pacientes para serem atendidos. Eu estava amamentando. Lembro-me do meu peito explodindo e eu conversando com uma paciente jovem com câncer de ovário. Estávamos decidindo se ela morreria em casa ou no hospital.

Foi muito difícil. Recordo da minha tristeza em ter de conversar com ela sobre aquilo. Foi uma conversa longa. No final, quando abri a porta, vi

Terminei o atendimento, descí até a sala do diretor e comuniquei a ele que estava no meu limite e saindo do hospital naquele momento.

aquela multidão de pacientes me esperando, furiosas, porque eu havia me atrasado bastante. Terminei o atendimento, descí até a sala do diretor e comuniquei a ele que estava no meu limite e saindo do hospital naquele momento. Ele ficou surpreso. Perguntou se eu não queria conversar, mas eu estava deci-

dida. Não foi apenas uma atitude de momento, eu já estava percebendo que a minha carreira no Moinhos decolaria e havia escolhido investir nisso.

ROUPAS PARA GESTANTES

No entanto, no meio de todo o caos, surgiu um inesperado *insight* que teria uma grande contribuição para dar continuidade à minha formação como empreendedora. E este não guardava nenhuma relação com a prática da medicina. O que ocorreu é que, enquanto estava grávida do Augusto, me dei conta de como era difícil encontrar roupas adequadas para gestantes.

Um dia, comentei sobre essa dificuldade com a minha irmã, que é publicitária e mora em São Paulo. Nós duas decidimos, então, que abriríamos um negócio de venda de roupas para gestantes aqui, em Porto Alegre. Penso que a ideia surgiu como uma consequência daquele *burnout* que eu sofri. Talvez eu não quisesse ficar dependente só da medicina, apesar de a minha carreira estar se desenvolvendo de uma maneira completamente satisfatória.

Mas talvez fosse, também, algo mais profundo e emocional. A oncologia é uma área da medicina com a qual não é fácil lidar. Mesmo que os tratamentos atuais sejam cada vez melhores e um número crescente de pacientes seja curado, vamos acumulando, com o passar dos anos, um peso difícil de sustentar. Estou falando da tristeza de perder pacientes e assistir a mulheres jovens com câncer.

Podem ter sido essas as motivações, ou quem sabe eu apenas vislumbrava um nicho inexplorado de mercado? Abri a empresa com a minha irmã e colocamos nossa mãe, à época aposentada da carreira de professora, como sócia e administradora da loja. As roupas vinham de uma empresa em São Paulo. No início, o negócio vendeu bem. Investimos bastante na marca – *Nana Barriga*. Fiz tudo por instinto, não houve exatamente um planejamento.

Mas os custos no Brasil são muito altos e, talvez, nossos produtos tenham ficado muito caros para o mercado de Porto Alegre. Além disso, logo surgiram concorrentes, e a cidade não comportava muitos empreendimentos em um nicho de mercado como aquele. Colocamos muito dinheiro no empreendimento, minha irmã e eu. Depois de oito anos de funcionamento, fechamos o negócio. Foi um período difícilíssimo do ponto de vista emocional. Mas, por outro lado, foi um aprendizado de gestão intenso. Eu tinha vontade de empreender, mas não sabia como fazer isso. No final, aprendi na marra, com os altos e baixos do dia a dia.

MATERIALIZAÇÃO DE UM *INSIGHT*

Acredito ter sido esse conhecimento empírico sobre gestão de um negócio, associado àquela afinidade que, desde criança, eu sentia pela tecnologia, que me levaram a perceber uma possibilidade surgida absolutamente por acaso em meio a uma consulta com uma paciente e o seu marido. Ali, começou a se materializar um *insight* que já estava presente em minha mente.

Conto, primeiro, o *insight*. Sempre percebi, entre as minhas pacientes, a partir do momento em que recebem o diagnóstico de câncer e iniciam o tratamento, uma angústia que se manifestava entre uma aplicação de quimioterapia e outra. Entendi, também, que depois do surgimento do WhatsApp, elas passaram a se sentir mais seguras. Criei, então, um grupo fechado no Facebook, no qual eu postava artigos, dicas e informações para elas.

Um dia, conversando com o meu professor de ioga, comentei que gostaria de criar mais alguma facilidade para as pacientes. Ele, que nem é da área médica, me olhou e perguntou: “Por que você não faz um

aplicativo?”. “Sim, por que não?”, pensei. Começamos a desenvolver essa ideia. De início, imaginamos algo mais voltado para o bem-estar, com dicas de nutrição e cuidados gerais. Criei uma apresentação no PowerPoint, levei a sugestão até colegas e fizemos algumas reuniões. Entre outras pessoas, falei com o meu mentor da época da residência, Carlos Barrios, que, depois de tantos anos, permanece como amigo. No entanto, o conceito não deslanchou, e a ideia foi deixada temporariamente de lado.

De uma forma inesperada, surgiu a possibilidade de materialização. Um dia, em meu consultório, entrou uma paciente, Márcia, para uma primeira consulta. Vinha com o marido, Evandro, e uma bebezinha. Márcia estava com diagnóstico de câncer de mama, identificado durante a amamentação. Eu tenho por hábito conhecer com o que as pessoas trabalham, para entender o impacto do tratamento na vida da família. Ela era da área da informática, e o marido, proprietário de uma empresa que trabalha com aplicativos.

A conversa se estendeu e contei sobre o projeto do aplicativo para pacientes com câncer. Eles ouviram com muita atenção. Evandro, o marido, se interessou. Começamos a nos reunir. Eu o apresentei para o Barrios e fizemos um protótipo. Em algum momento, surgiu a necessidade de nomear o aplicativo. Lembrei-me de uma viagem que havia feito um ano antes, com meu marido, a Machu Picchu. Quando estávamos lá, se aproximou uma senhora com uma máscara na mão e perguntou o que eu fazia. “Sou médica”, respondi. Ela mostrou a máscara e disse “Este é o *Tumi*, deus da medicina Inca.” Eu fiquei impressionada e comprei a máscara.

Lembrei-me desse acontecimento e, ao voltar para a reunião, afirmei: “Tumi! Este será o nome do aplicativo!” Coincidência ou outra coisa maior, o Barrios também tinha em casa uma máscara do deus Tumi. Colocamos o nome com dois “m”: Thummi. As aulas de DOS, a antiga fita de vídeo futurista e as divindades incas se uniam, finalmente, diante de mim.

Barrios, Evandro e eu continuávamos em busca de informações sobre *startups*, quando eu soube de um *workshop* da Startse (STARTSE, c2022), uma empresa voltada para incentivar o empreendedorismo e a criação de *startups*, que estava propondo uma imersão de oito dias no Vale do Silício.

A iniciativa tinha como objetivo apresentar o ambiente de inovação existente naquela região próxima à cidade de São Francisco. Fiz a viagem, que expandiu minha mente. Entendi como tratar a questão do investidor, qual é a importância dos testes, enfim, como fazer uma *startup* nascer. Tudo se tornou mais profissional.

APLICATIVO PREVENTIVO

Finalmente tínhamos o nosso produto testado com pacientes. Ele já estava pronto para ir ao mercado, o que aconteceu em 2018. Mas o que o aplicativo traz para os pacientes e seus médicos? Sua principal funcionalidade é listar um grande número de eventos possíveis de ocorrer com um paciente em tratamento oncológico. Por exemplo, se o paciente tem um episódio de diarreia, o aplicativo lhe oferece a possibilidade de selecionar a intensidade desse desconforto. São níveis cientificamente validados. Ele escolherá o grau um, dois ou três, de acordo com a gravidade. Uma diarreia de grau três seria um quadro em que ela ocorre sete vezes por dia, algo que deve ser avisado ao médico com urgência.

Há vários outros parâmetros. O aplicativo é totalmente preventivo e incentiva o usuário a informar seu estado a seu médico, ou recomenda que ele se dirija à emergência do hospital. O Thummi também tem uma importância econômica. Há estudos que informam que cerca de 56% dos pacientes com câncer e em tratamento visitam a emergência hospitalar pelo menos uma vez ao ano, por conta de algum evento adverso do tratamento. Destes, 60% acabam sendo internados. Um estudo realizado pela Associação da Indústria Farmacêutica de Pesquisa (Interfarma) indica que os pacientes com câncer têm um custo anual de R\$ 1,3 bilhão para o Sistema Único de Saúde (SUS) e de R\$ 5,6 bilhões para a saúde suplementar, somente com a quimioterapia (INTERFARMA, 2022).

Por outro lado, pesquisas mostraram que o acompanhamento remoto de pacientes que responderam a questionários pela internet foi capaz de reduzir a ida à emergência em até 7% e melhorar a qualidade de vida em 30%. Isso tem um grande impacto financeiro. Outro dado animador é que, se acompanharmos os pacientes a distância, conseguiremos identificar precocemente eventos que têm um potencial letal. Isso aumenta

sua sobrevida. O aplicativo pode, perfeitamente, ser uma ferramenta que permite isso ao conectar o paciente aos hospitais e até mesmo ao celular do médico. Isso viabiliza um acompanhamento remoto inédito.

Essas evidências mostram a oportunidade de um aplicativo como o Thummi, que, diga-se de passagem, já desperta um interesse crescente de *players* importantes no mercado médico, inclusive hospitais de renome, por proporcionar grandes benefícios ao negócio da saúde e, principalmente, uma vida mais confortável e longa aos pacientes com câncer.

FOCO NO HUMANISMO

Há quem me pergunte como outros profissionais da área da saúde poderiam seguir um caminho profissional alinhado com a inovação. Hoje, diferente do meu tempo de jovem universitária e médica residente, a informação sobre os mais variados assuntos é imediata. É só querer se informar sobre o que há de novo para ter acesso ao que se quiser. Manter-se

a par do que há de novidade é um dos comportamentos que deve ser incorporado. Mas não basta isso. É preciso não perder o foco da dedicação, do humanismo. As pessoas que nos procuram querem ser ouvidas, precisam contar a sua história, não querem falar com um computador.

As pessoas que nos procuram querem ser ouvidas, precisam contar a sua história, não querem falar com um computador.

É de grande importância, também para aqueles médicos que já estão na estrada há algum tempo, sair dos consultórios e começar a conviver com colegas que já tenham esse *mindset* de inovação instalado. Conviver com pessoas com quem temos algo a aprender é a melhor forma de abrir nossa mente e nossos olhos para enxergarmos este novo lado da medicina.

Não é mais possível permanecermos estacionados em nossa rotina diária. Há grandes novidades vindo pela frente. A tecnologia vem para nos auxiliar e tornar as coisas mais rápidas. Ela está aí também para que sejamos capazes de fazer melhores diagnósticos. Acredito que haverá menos internações, pois as pessoas serão tão bem cuidadas e vigiadas pelos médicos remotamente que não haverá necessidade de ir tanto aos hospitais.

Podemos imaginar, em um cenário futurista, que uma pessoa, em casa, tire uma gota de sangue, coloque-a em um pequeno aparelho de exame, já faça a análise por meio de inteligência artificial e envie os resultados ao médico. Esses resultados são incorporados a uma plataforma de dados que reúne um histórico de informações personalizadas dessa pessoa, desde o seu nascimento. Como ela se desenvolveu, seu peso desde a infância, a história de saúde familiar, problemas de saúde que enfrentou e muito mais. Com essas informações à mão, o aplicativo realiza um diagnóstico, propõe possíveis tratamentos e sugere um ou mais medicamentos. Caberá ao médico validar as propostas de tratamento ou prevenção feitas por essa plataforma.

A telemedicina, o monitoramento remoto e a nanotecnologia mudarão de maneira profunda a medicina. A genômica nos permitirá aprender muito sobre o metabolismo de cada um. Teremos um acompanhamento dos pacientes completamente personalizado. A robótica é um avanço que estará presente em todas as áreas e, na cirurgia, será um ponto sem retorno. A inteligência artificial (IA) trará avanços, como prever a sobrevida de um paciente e indicar o tratamento que o deixará mais confortável.

MUITO ALÉM DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

Mas acima de todas as inovações, avançando além da IA, sempre estará a nossa humanidade. Um acontecimento recente deixou isso muito claro. Uma paciente minha, com um câncer avançado de útero, sofria com uma oclusão intestinal severa. Não conseguia se alimentar, a não ser por soro. Ela me disse que gostaria de voltar para casa no final de semana. Eu sabia que ela não teria como ficar longe do hospital, mas entendi que queria se despedir do próprio lar.

Autorizei a saída, algo que contraria algumas regras e regulamentos, e deixei sua internação já preparada, pois sabia que ela teria de voltar. Passaram-se dois dias, e ela piorou, sendo trazida de volta para o hospital e para o soro. Quando voltei a vê-la, deu um sorriso e me agradeceu: “Fiquei muito feliz!”, ela me disse. “Muito obrigada por ter entendido que eu queria passar o final de semana em casa”. Isso nenhuma inteligência artificial é capaz de entender.